A CONQUISTA DA AUTONOMIA E INDEPENDÊNCIA DENTRO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

ALINE REIS MANARO DA FONSECA

RESUMO
O trabalho apresentado discursa sobre as inúmeras dificuldades de aprendizagem do indivíduo que se encontra dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA), no que diz respeito à conquista de sua autonomia e independência em toda a sua trajetória de vida, tanto na perspectiva pessoal, quanto na carreira profissional. O problema é que, ainda nos tempos atuais, há muita desinformação, onde o Transtorno do Espectro Autista é visto por alguns indivíduos como uma condição irreversível, sem o real conhecimento sobre as possibilidades que as pessoas com autismo podem ter e os níveis de suporte existentes, que são classificados de acordo com a necessidade de apoio que cada pessoa inserida no TEA apresenta, dificultando, dessa maneira, a busca por tratamentos terapêuticos e educacionais. O artigo tem por objetivo desmistificar a suposta impossibilidade de os indivíduos que estão inseridos no Transtorno do Espectro Autista estudarem, evoluírem e se desenvolverem como cidadãos ativos na sociedade, podendo assim conquistar sua autonomia e independência em todos os âmbitos de suas vidas. O embasamento teórico do trabalho foi realizado por meio das teorias dos escritores José Salomão Schwartzman, Ana Beatriz Barbosa Silva e Oliver Sacks, da área da saúde, sendo que, este último citado, traz em sua obra a história de Mary Temple Grandin, uma mulher, psicóloga, autora e zootecnista americana com autismo que revolucionou as práticas para o tratamento racional de animais vivos em fazendas e abatedouros; Da área da educação, Eugênio Cunha e Magda Marly Fernandes foram os autores que contribuíram para o trabalho. O artigo também foi composto pela entrevista realizada com um adulto com autismo que conquistou sua independência e autonomia e depoimento pessoal da autora sobre um membro próximo de sua família que está inserido no Transtorno do Espectro Autista, onde, inicialmente, foi diagnosticado com a síndrome de Asperger, termo e diagnóstico em desuso na atualidade médica. A pesquisa concluiu que há uma relação bastante positiva entre a conquista da autonomia e independência do indivíduo dentro do Transtorno do Espectro Autista quando existe um trabalho em conjunto composto pelo apoio familiar, médico e educacional a partir do diagnóstico e tratamento precoce, elemento fundamental para maior efetividade e assertividade no desenvolvimento da pessoa com autismo, em todos os âmbitos de sua vida.
PALAVRAS-CHAVE: Autismo; Autonomia; Independência; Família; Educação.

INTRODUÇÃO:
Tenho em minha família uma pessoa com autismo. Essa pessoa é o meu irmão. No início, pensávamos que ele tinha deficiência auditiva, pois não nos olhava nos olhos quando o chamávamos. Aos dois anos de idade, após alguns testes e exames clínicos, foi constatado que sua audição era perfeita. Assim, os médicos passaram a suspeitar sobre a possibilidade de um transtorno de desenvolvimento – o autismo – devido a algumas características típicas, além da dificuldade de audição, ou melhor, de comunicação. Os exames complementares comprovaram que meu irmão estava inserido num transtorno do desenvolvimento - O Transtorno do Espectro Autista.
Compreender esse transtorno pode ser relativamente simples quando estamos dispostos a nos colocar no lugar do outro, a buscar a essência mais pura do ser humano e a resgatar a nobreza de realmente conviver com as diferenças. E talvez seja esse o maior dos nossos desafios: aceitar o diferente e ter a chance de aprender com ele. (SILVA, 2012: 4)

Neste estudo, proponho discutir esse transtorno sob o ponto de vista pedagógico, a educação para a independência e autonomia, visando favorecer o esclarecimento dos familiares e, também, dos docentes, porque muitas vezes é na escola, junto com as demais crianças, que o transtorno se evidencia, e é na escola que a criança terá oportu-

nidades de melhor se desenvolver. Quanto mais cedo o autismo puder ser diagnosticado, mais cedo será possível investir no atendimento pedagógico, terapêutico e familiar, conjunto que ajuda a promover uma maior independência e autonomia, melhorando as relações sociais, afetivas, intelectuais e comunicativas desses indivíduos.

Por isso, o objetivo deste estudo é desmistificar a suposta impossibilidade de os indivíduos com autismo estudarem e evoluírem. Muitos mitos foram criados em torno desse transtorno, e, às vezes, ouvimos pessoas dizendo, ou até mesmo a mídia expondo, que o autismo é um transtorno irreversível, uma situação imutável. Porém, há variáveis. É preciso conhecer e buscar informações durante a formação profissional dos professores e perceber que pode haver a possibilidade desses indivíduos evoluírem e adquirirem uma maior independência e autonomia. Tendo isso exposto, faço a seguinte indagação: como é possível ajudar no desenvolvimento da independência e autonomia de indivíduos que estão dentro do Transtorno do Espectro Autista?

Para responder a essa indagação, proponho as seguintes hipóteses:

Há uma relação positiva entre a conquista da autonomia e independência do indivíduo dentro do Transtorno do Espectro Autista quando existe junção do apoio familiar, médico e educacional a partir do diagnóstico e tratamento precoce.

A conquista da autonomia e independência do indivíduo dentro do Transtorno do Espectro Autista torna-se difícil sem a comunicação entre família e escola, mesmo com diagnóstico e tratamento precoce.

Os indivíduos não podem alcançar maior independência e autonomia porque esse transtorno exige investimentos pedagógicos sempre muito especializados.

Com essas hipóteses, buscarei, por meio da pesquisa de campo e das teorias dos escritores José Salomão Schwartzman, Ana Beatriz Barbosa Silva e Oliver Sacks, da área da saúde; Eugênio Cunha e Magda Marly Fernandes, da área da educação, entender o transtorno e os procedimentos pedagógicos que levam as pessoas com Transtorno do Espectro Autista a patamares maiores de independência, gerando, dessa maneira, o desenvolvimento de sua autonomia.

O QUE É O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA:

Segundo SCHWARTZMAN (2010), as estatísticas feitas em 2013, realizadas em várias partes do mundo, referem prevalência dos Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) como sendo de 1:160 indivíduos, número muito superior aos citados em décadas anteriores. A mais provável explicação para esse aumento no número de pessoas identificadas é o maior reconhecimento dessa condição e, acima de tudo, a maior abrangência do conceito do que seria TGD. Ainda de acordo com o mesmo pesquisador, dentro dos Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), há o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essas nomenclaturas – TGD e TEA – são as que dominam as narrativas das escolas onde há inclusão.

O autismo, que antes não era discutido na sociedade, tornou-se preocupação dos docentes a partir da garantia do direito de as pessoas com deficiência poderem frequentar a escola regular em ambientes não segregados. A crença que se encontra enraizada sobre o autismo, tanto entre os docentes como entre terapeutas e familiares, é a de que os autistas são pessoas instáveis, que não convivem em sociedade, não têm afeto e nem capacidade de aprendizagem. As definições são negativas e, de forma única, classificatórias, a ponto de qualquer um arriscar um diagnóstico pelo simples ato de olhar para uma pessoa com características semelhantes às divulgadas pela mídia. Porém, a realidade não é essa.

Segundo SCHWARTZMAN (2009), três são as áreas de comprometimento do indivíduo com autismo: a interação social, a comunicação e o comportamento fora dos padrões socialmente aceitos. O comprometimento de cada pessoa com o transtorno não é único, nem específico, tampouco estranho se analisarmos as diferenças da sociedade. Os graus de severidade são distintos em cada pessoa, e as características são mais ou menos severas. O diagnóstico do autismo é difícil e depende de uma equipe experiente e multidisciplinar. Entretanto, infelizmente, vê-se

muitos “diagnósticos” na escola e maneiras preconceituosas de tratar o assunto, muitas vezes orientado pelos referenciais “manualizados” disponíveis na mídia, sem considerar que, dentro desse Espectro, existem pessoas, indivíduos, seres históricos sociais, e não um transtorno com dados genéricos, classificatórios e desumanizadores. As pessoas com autismo não aceitam, estranham e se confundem diante de vários padrões e hábitos sociais, incluindo o da comunicação.

A dificuldade das crianças inseridas no Transtorno do Espectro Autista envolve a interação social, comunicação e comportamento em graus de severidade diferentes. O transtorno normalmente se manifesta antes dos três anos de idade e é mais comum em meninos. Não se sabe, com certeza, qual é a sua causa. Porém, alguns especialistas dizem que a causa é multifatorial, dependendo de fatores genéticos e ambientais. Ainda de acordo com SCHWARTZMAN (2007), 70% das crianças com autismo sofrem de retardo mental, mas praticamente todas conseguem aprender a comer sozinhas, usar o banheiro, dobrar as próprias roupas, arrumar as camas e até trabalhar sob supervisão. Parece pouco, mas esses avanços fazem enorme diferença na qualidade de vida dessas pessoas e de seus familiares.

O ENSINO DE CRIANÇAS COM AUTISMO:

Conforme o art. 54 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é obrigação do Estado garantir atendimento educacional especializado (conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar à formação dos estudantes no ensino regular) às pessoas com deficiência preferencialmente na rede regular de ensino, já que toda criança e todo adolescente têm direito à educação para garantir seu pleno desenvolvimento como pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. Porém, nem todas as crianças com autismo são atendidas no ensino regular. Por isso, cada caso deve ser analisado individualmente pelas equipes de pedagogia e saúde que a acompanham. Ainda sobre o âmbito escolar, CUNHA (2013) esclarece que:

Primeiramente, precisamos lembrar que o autismo é uma síndrome com sintomas bem diferentes em cada indivíduo. Então, dependendo dos comprometimentos, é totalmente possível e até natural que alunos com autismo estudem em classes comuns, mesmo começando por uma classe especial. Não somente isso, mas que cheguem à universidade. Para tal, a escola precisa ser realmente inclusiva. Isto é, não apenas integrar o aluno fisicamente em seu espaço, mas se adequar a ele. Isso é possível, mas não depende só da escola. Depende também dos governos, principalmente dando condições para a formação do professor.

Ainda de acordo com CUNHA (2013), os alunos com autismo têm dificuldades de aprendizagem em razão de suas peculiaridades no que se refere à interação social, ao comportamento e à comunicação, pois a escola é um espaço essencialmente social, o que exige deles uma habilidade que não possuem. Além disso, destaca que os estudantes com autismo criam formas próprias de relacionamento, assim como nós; porém, no caso deles, há geralmente uma fixação por detalhes específicos, o que resulta numa relação singular com tudo o que é externo, dificultando a aprendizagem.

Sobre o preparo das escolas regulares e profissionais da educação para receberem estudantes com autismo ou até mesmo com outras deficiências prévias, CUNHA (2013) afirma:

São poucas as escolas do ensino comum que têm espaços adequados e profissionais capacitados para trabalhar na educação inclusiva. São necessárias ações que materializem as políticas educacionais que tratam da inclusão no cotidiano das escolas. É um grande desafio. É preciso promover a preparação docente, adaptação do espaço escolar, investimento financeiro na aquisição de materiais pedagógicos e apoio à família do aluno com necessidades educacionais especiais.

Ao discursar sobre como deve ser o trabalho pedagógico para o estudante com autismo, CUNHA (2013) revela que:

Eu sempre digo que não há receita de bolo. Digo também que não conheço dois autistas iguais. O que funciona com um pode não

funcionar com outro. Porém, há aspectos básicos na aprendizagem humana que são inerentes também a alunos com autismo: a afetividade do aluno, os seus interesses e a funcionalidade do trabalho pedagógico. O que se ensina precisa fazer sentido. É necessário mergulhar nos afetos do autista: descobrir seus interesses, desejos, sonhos, possibilidades, dificuldades, enfim, conhecê-lo bem. Em termos pedagógicos, o professor precisa descobrir quais habilidades seu aluno já possui e quais ele precisa adquirir. A partir daí escolher os materiais adequados. Podem ser habilidades sociais ou acadêmicas. Sempre priorizando a comunicação e a socialização.

A IMPORTÂNCIA DA INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA DOS INDIVÍDUOS DENTRO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA:

A independência e a autonomia minimizam a dificuldade de convívio social, e, por isso, a escola precisa abastecer o ensino de situações de interação. Respeitar o limite do indivíduo com autismo, ser claro nos enunciados, ampliar o tempo para que ele realize as atividades propostas e sempre comunicar mudanças na rotina antecipadamente. É importante procurar oportunidades para que os estudantes com autismo desenvolvam habilidades sociais. Descobrir e explorar as 'eficiências' da pessoa com autismo é um bom caminho para o seu desenvolvimento.

De acordo com SILVA (2012):

Para se tratar o autismo é necessário quebrar antigos paradigmas, eliminar as culpas e aprender a despertar e a valorizar os talentos inatos de cada indivíduo. Não devemos nos deter nas suas dificuldades, mas sim viabilizar as potencialidades, sempre visando à independência, autonomia, socialização e auto realização de quem vive e se expressa dessa maneira tão peculiar. (SILVA, 2012: 5-6)

Ainda, segundo SILVA, a participação dos pais no processo de independência é fundamental.

O professor sempre deve promover a independência. Assim como os pais em casa, é importante incentivar a criança a fazer suas coisas sozinha, tais como se cuidar, lavar as mãos, fechar os potes de tinta, guardar o material. Cabe ao professor fazer uma aliança com os pais para elaborar novos desafios para a criança, que possam ser praticados em casa e na escola: comer sozinha, por exemplo. Isso possibilita que ela pratique o que aprendeu em ambientes diferentes. (SILVA, 2012: 86)

De acordo com FERNANDES (2002), podemos definir independência como:

[...] capacidade que uma pessoa tem para resolver problemas em diferentes níveis da atuação humana. Essa capacidade tem aspectos altamente subjetivos, relativos às suas condições orgânicas físicas e mentais, emocionais e psíquicas, além das socioculturais relacionadas ao ambiente em que vive. Ao enfrentar uma determinada situação, a pessoa revela sua motivação, as capacidades próprias de sua condição, a experiência acumulada pelas oportunidades vivenciais e educacionais que teve em sua vida, usando seu poder de transformação pessoal para a ampliação de suas relações sociais e para o desenvolvimento de sua autonomia. (FERNANDES, 2002: 11)

Para essa autora, autonomia:

[...] refere-se à força que o sujeito vai tomando dentro de um grupo ao impor suas ideias, opiniões, sonhos, preferências, conflitos e atitudes. É a luta do sujeito para garantir, dentro da coletividade, a sua subjetividade. A conquista de uma maior autonomia necessita da convivência humana, e esta da linguagem. Ambas, independência e autonomia, compõem o comportamento funcional dos seres humanos, o funcionamento adaptativo. (FERNANDES, 2002: 11)

PESQUISA DE CAMPO - ENTREVISTA COM UM ADULTO AUTISTA:

Durante a execução deste trabalho, achei importante trazer um depoimento de um adulto que está dentro do Transtorno do Espectro Autista. Por isso, fui até a escola em que um homem com esse transtorno trabalha para entrevistá-lo. Seu cargo, no ano de 2013, é de auxiliar administrativo numa escola de educação especial de São Paulo. Ele

foi muito simpático e mostrou-se satisfeito em poder ajudar em minha pesquisa.
Para iniciar, apresentei-me e comecei a fazer algumas perguntas a ele. A primeira delas foi sobre como a sua família reagiu ao receber o diagnóstico e quando isso aconteceu. Respondeu-me que tudo aconteceu na virada dos anos 60 para os anos 70 e que, naquela época, não se falava em Transtorno do Espectro Autista, mas sim em "problemas ou distúrbios de aprendizagem". Seus pais nunca lhe contaram como foi a reação deles ao receberem o diagnóstico, e, como ele era muito pequeno, não pôde me informar sobre isso. Porém, contou-me que seus pais precisaram de ajuda psicológica para enfrentar o diagnóstico.
Perguntei a ele sobre os tratamentos pelos quais passou. Disse-me que passou por tratamento psicológico com uma boa psicóloga (que foi muito importante para ele) e por acompanhamento neurológico com o Dr. José Salomão Schwartzman.
Sobre sua educação, questionei-o sobre seus estudos. Respondeu-me que o 1º grau foi feito numa escola de educação especial. Já o 2º grau e o ensino superior foram cursados em escola/universidade regulares (ele tem graduação no curso de Publicidade e Propaganda, realizado na Universidade Anhembi Morumbi). Além disso, fez curso de inglês numa escola de idiomas para aprimorar a língua estrangeira.
Interroguei-o sobre como foi sua entrada no mercado de trabalho e como ele se relaciona com as pessoas dentro desse ambiente. Disse-me que iniciou sua vida profissional por orientação de sua psicóloga, mas não me deu muitos detalhes sobre isso. Em relação aos colegas de trabalho, disse que não tem muitos problemas e que gosta muito do local no qual trabalha, mas que, algumas vezes, quando não concorda com alguns colegas, reage de maneira explosiva, mas não agressiva.
Para finalizar, perguntei a ele se o apoio familiar e o educacional foram importantes para a conquista de sua autonomia e independência. Com convicção, respondeu-me que seus pais (já falecidos) lutaram muito para lhe dar uma educação de boa qualidade, procurando sempre as melhores escolas e o apoiando quando as dificuldades apareciam. Por isso, o apoio familiar e o educacional, além do apoio de sua psicóloga, foram fundamentais para a conquista de sua autonomia e independência, conquistadas quando seus pais ainda estavam vivos.

DEPOIMENTO:
Mas, afinal, o que é o autismo? Como acontece? Por quê? Há cura para ele? As perguntas que fazíamos a nós mesmos eram infinitas. Uma família não espera receber uma notícia dessas, por melhor que seja sua estrutura. E com a minha família não foi diferente. Torna-se mais difícil por se tratar de algo tão pouco conhecido (ao menos até aquela data). Todos nós começamos a estudar o transtorno, buscando maneiras de lidar com ele. É inegável a dificuldade de compreender e conviver tão intimamente com uma pessoa autista. Porém, se pensarmos um pouco, cada ser humano tem suas peculiaridades e precisamos aprender a aceitar ou ao menos respeitar as diferenças dos outros indivíduos para vivermos em sociedade. Então, por que é tão difícil para alguns aceitar o modo de viver da pessoa com autismo? Talvez essa dificuldade se baseie no rótulo que o nome desse transtorno leva. A palavra autismo ainda "assusta" algumas pessoas, o que dificulta o processo de aceitação.
Mesmo que estivéssemos assustados e apreensivos com as suspeitas dos médicos, começamos a procurar maneiras que lhe proporcionassem alguma melhora, por menor que fosse, com a intenção de ajudar na promoção da autonomia e independência dele. Então, meu irmão, ainda muito novo, passou a ser tratado por psicólogos, terapeutas ocupacionais, psiquiatras e fonoaudiólogos. Apesar do choque que tivemos ao receber a notícia, não precisamos de auxílio psicológico para aceitar o fato. Porém, em alguns casos, é importante que a família também receba tratamento adequado, pois, se a família não consegue aceitar o diagnóstico, dificilmente um tratamento poderá ser efetivo.
O acolhimento e a orientação para as famílias são fundamentais para que elas deixem de lado crenças errôneas e não se desgastem com culpas desnecessárias e sem pro-

pósitos. Cuidar dos familiares, especialmente das mães, é tão importante quanto cuidar das próprias crianças. (SILVA, 2012: 67)

Após certo tempo, observamos uma melhora progressiva, o que nos estimulava cada vez mais a avançar nos tratamentos. Em relação à educação, podemos dizer que tivemos "sorte". Notamos que, nos dias atuais, a inclusão escolar ainda não acontece em sua totalidade. Meu irmão foi recebido com muito carinho e interesse por uma creche municipal de São Paulo. As dificuldades de socialização, comunicação e comportamento eram visíveis, mas os educadores e gestores tentavam sempre propor a inclusão dele no universo escolar. Após essa experiência, foi matriculado numa EMEI, também pertencente ao município de São Paulo. Essa unidade escolar trabalhou seriamente a questão da inclusão. Professores e coordenação elaboravam projetos e atividades que a promoviam, realizavam reuniões periódicas sobre a temática e expunham suas incertezas e conquistas.

Além disso, havia nessa escola o SAAI (Sala de Apoio e Acompanhamento à
Inclusão) – da qual meu irmão participou – hoje conhecida como SRM. As Salas de
Recursos Multifuncionais são destinadas à oferta do Atendimento Educacional Especializado, no contraturno escolar, em caráter complementar ou suplementar para educandos e educandas público-alvo da educação especial, desde que identificada a necessidade deste serviço, após avaliação pedagógica/estudo de caso. Meu irmão também foi acompanhado por estagiários do CEFAI (Centro de Formação e Acompanhamento à Inclusão). O CEFAI é composto por um Coordenador: profissional de educação, integrante da carreira do Magistério Municipal, nomeado como Assistente Técnico de Educação I e professores de Apoio e Acompanhamento à Inclusão – PAAIs, designados pelo Secretário Municipal de Educação, dentre os professores da carreira do Magistério Municipal. Com toda essa atenção recebida, tanto familiar quanto escolar, além dos tratamentos médicos, os avanços nas questões comportamentais, comunicativas e sociais foram animadores. Meu irmão, que no início do diagnóstico não falava e nem repetia frases, não olhava nos olhos das pessoas e não conseguia conviver com algumas situações cotidianas, já pronunciava muitas palavras, prestava alguma atenção quando o chamavam e convivia melhor com as pessoas à sua volta.

Meu irmão aprendeu a ler e escrever sem auxílio de um adulto ou educador e, quando se interessava por um tema específico, era capaz de dar uma verdadeira aula sobre ele. Um exemplo que pode ser dado foi quando se interessou pelas linhas de metrô e trem da cidade de São Paulo. Fez desenhos representando as linhas, andou por todas elas acompanhado de nossa mãe, assistiu a diversos vídeos e escreveu cadernos sobre o tema e, até hoje, se perguntarem a ele a qual linha do metrô ou trem pertence determinada estação, responde em poucos segundos. Porém, isso não significa garantia de autonomia e independência, visto que, mesmo com a inteligência acima do padrão, a grande maioria das pessoas inseridas no Transtorno do Espectro Autista lidam com as dificuldades na interação social, na comunicação e no comportamento. Por vezes, parecem apresentar um verdadeiro monólogo, pois discursam sobre assuntos que não têm sentido para quem está escutando. E é aí que está o segredo: escutar o que as pessoas com autismo têm a dizer. Tanto a família quanto a escola e os profissionais da saúde que fazem o acompanhamento de pessoas com autismo precisam entender e explorar de maneira positiva e significativa os interesses restritos deles. Assim, é possível que suas dificuldades de aprendizagem transformem-se em estímulo positivo, pois, ao sentirem que foram compreendidas, talvez busquem novos caminhos.

Buscar profissionais para o tratamento da criança com autismo é evidentemente positivo para que ela tenha alguma autonomia. Meu irmão ainda não anda sozinho nas ruas e nem cozinha o seu próprio alimento. Entretanto, hoje pode tomar banho, escovar os dentes, socializar-se, discursar sobre política, expressar-se até mesmo por meio das redes sociais, realizar lições de casa e muitas outras questões que, inicialmente, imaginávamos que ele não seria capaz de fazer.

Inclusive, ele está cursando faculdade de administração atualmente. Por isso, não devemos escutar apenas as informações que a mídia nos apresenta, de um quadro que não tem reversão. Não devemos subestimar os indivíduos que estão inseridos no Transtorno do Espectro Autista. Com força de vontade e confiança por parte da família, da escola e dos profissionais da saúde que realizam o acompanhamento, pode ser que eles nos surpreendam positivamente.
Hoje, entendo o motivo pelo qual pessoas com deficiências ou transtornos são chamadas de especiais - termo considerado incorreto atualmente. Não existe adjetivo melhor para defini-las, pois é isto o que exatamente são:
Uma criança com autismo não é uma máquina programada e/ou descartável, ela é humana como cada um de nós. Aprender a compreender e a lidar com essa criança é algo que diz respeito ao que há de mais nobre em nossa capacidade de amar e de construir uma sociedade mais generosa para todos (SILVA, 2002: 183).

Na obra "Um antropólogo em Marte", de Oliver Sacks, o autor fala sobre sua experiência ao conhecer Mary Temple Grandin, que é uma mulher, psicóloga e zootecnista americana autista que revolucionou as práticas para o tratamento racional de animais vivos em fazendas e abatedouros. Temple Grandin já escreveu mais de 400 artigos, gravou diversos vídeos sobre sua condição, além de ter um filme sobre sua história de vida. Aqui, apresento dois trechos do livro do autor Oliver Sacks, que refletem principalmente sobre a problemática dos adultos inseridos no Transtorno do Espectro Autista e da importância do apoio e da crença educacional e familiar em relação a eles.

É verdade que, curiosamente, a maioria das pessoas fala apenas de crianças autistas e nunca de adultos, como se de alguma maneira as crianças simplesmente sumissem da face do planeta. Mas, embora possa haver de fato um quadro devastador aos três anos de idade, alguns jovens autistas, ao contrário das expectativas, podem conseguir desenvolver uma linguagem satisfatória, alcançar um mínimo de habilidades sociais e mesmo conquistas altamente intelectuais; podem se tornar seres humanos autônomos, aptos para uma vida pelo menos aparentemente completa e normal — mesmo se encobrindo uma singularidade autista persistente e até profunda. (SACKS, 2006: 167)

Aos três anos, por mero acaso, embora sua família não acreditasse muito nessa promessa, foi enviada a um jardim de infância especial para crianças com problemas ou excepcionais, onde foi sugerida uma experiência com terapia da fala. De alguma forma, a escola e o terapeuta chegaram até Temple, salvaram-na (como posteriormente ela sentiria) do abismo e a iniciaram em sua lenta emersão. Ela permaneceu manifestamente autista, mas sua nova capacidade da linguagem e da comunicação agora lhe dava uma âncora, alguma habilidade para dominar o que antes fora um completo caos. Seu sistema sensório, com suas violentas oscilações de hipersensibilidade e baixa sensibilidade, começou a se estabilizar um pouco. Houve muitos períodos de recaídas e regressões, mas está claro que aos seis anos já tinha conquistado uma linguagem satisfatória e, com isso, atravessou a fronteira decisiva entre pessoas com um alto desempenho como ela e pessoas com um baixo desempenho, que nunca atingem uma linguagem adequada ou a autonomia. Com o acesso à linguagem, a terrível tríade de deficiências — social, comunicativa e imaginativa — começou a ceder um pouco. Temple passou a ter algum contato com os outros, sobretudo um ou dois professores que podiam reconhecer sua inteligência, seu caráter especial, e suportar sua patologia — seu questionamento e sua falação agora incessantes, suas estranhas fixações, suas raivas. [...] Aos oito anos, Temple estava começando a dominar o jogo de faz-de-conta que as crianças normais adquirem ainda engatinhando e que as autistas de baixo desempenho nunca desenvolvem. Sua mãe, uma tia e vários professores foram cruciais, assim como, na longa jornada do crescimento, o lento desenvolvimento manifestado por muitos autistas; o autismo, sendo uma doença do desenvolvimento, costuma tornar-se menos extremo confor-

me a pessoa fica mais velha, sendo possível aprender a lidar melhor com ele. (SACKS, 2006: 182).

CONCLUSÃO:

Ao finalizar este trabalho, é possível afirmar, a partir da pesquisa de campo e também das citações de alguns autores, que há uma relação positiva entre a conquista da autonomia e independência do indivíduo que está dentro do Transtorno do Espectro Autista quando existe junção do apoio familiar, médico e educacional a partir do diagnóstico e tratamento precoce.

No início do diagnóstico, tudo parece impossível, pois há o pensamento de que as crianças dentro desse transtorno ficam isoladas num mundo particular de difícil acesso, com hábitos restritos, ritualizados e repetitivos, corriqueiramente vistas como estranhas e alheias a tudo e a todos. Entretanto, diante do diagnóstico de um indivíduo que está dentro do Transtorno do Espectro Autista, o mais importante para os pais, professores e profissionais de saúde é criar mecanismos para ensinar essas pessoas, buscando amenizar para elas o caráter invasivo e intimidador que o contato social adquire, com o objetivo de proporcionar-lhes autonomia e independência, a fim de que possam ter uma trajetória de vida repleta de conquistas e que possuam atuar como cidadãos ativos na sociedade da qual são pertencentes, buscando e garantindo os seus direitos e compreendendo sobre os seus deveres.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Justiça. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Nº 8.069, de 13 de Julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm> Acesso em 13 de Set. de 2013.

CUNHA, Eugênio. O desafio de lidar com o autismo em sala de aula. Folha Dirigida – Caderno de Educação. 2013. Disponível em: <http://www.eugeniocunha.com.br/artigo/134/o-desafio-de-lidar-com-o-autismo--em sala-de-aula/> Acesso em 04 de Outubro de 2013.

FERNANDES, Magda Marly. Autonomia e a independência do jovem com deficiência mental – Depoimentos sobre esses objetivos do SAESP.
Universidade Presbiteriana Mackenzie. Dissertação de Mestrado, 2002.

NOGUEIRA, Tânia. Um novo olhar sobre o autismo. Nº 473. São Paulo, Jun. 2007. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG77644- 8055-473-2,00-UM+-NOVO+OLHAR+SOBRE+O+AUTISMO.html> Acesso em 13 de Setembro de 2013.

Prefeitura de São Paulo. Centro de Formação e Acompanhamento à Inclusão – CEFAI. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/cefai/ > Acesso em 22 de Setembro de 2013.

RAFOLS, Carolina. Temple Grandin fala em entrevista exclusiva para a Revista Autismo. Revista Autismo. Dez. 2012. Disponível em: <http://www.revistaautismo.com.br/edic--o-3/temple-grandin-fala-em-entrevista exclusiva-para-a-revista-autismo> Acesso em 04 de Outubro de 2013.

Rede Globo. Crianças com autismo podem desenvolver talentos específicos. 25. Set. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/quadros/autismo universo-particular/noticia/2013/08/criancas-com-autismo-podem-desenvolver talentos-especificos.html> Acesso em 26 de Setembro de 2013

SACKS, Oliver. Um antropólogo em Marte. 1ª Ed. Companhia das Letras, 2006.

SCHWARTZMAN, José Salomão. Autismo e outros transtornos do espectro autista. Revista Autismo. Set. 2010. Disponível em: <http://www.revistaautismo.com.br/edic--o-0/autismo-e-outros-transtornos-do espectro-autista> Acesso em 13 de Setembro de 2013.

SCHWARTZMAN, José Salomão. Entrevista com Dráuzio Varella. Autismo (Primeira Parte). Disponível em: <http://drauziovarella.

com.br/crianca-2/autismo primeira-parte/ > Acesso em 13 de Set. de 2013.

SCHWARTZMAN, José Salomão. Neurologia da Infância e da Adolescência. Biografia. Disponível em: <http://www.schwartzman.com.br/php/index.php?option=com_content&view=article&i d=1&Itemid=15> Acesso em 10 de Outubro de 2013.

SCHWARTZMAN, José Salomão. Transtornos Globais do Desenvolvimento. 2009. Disponível em:http://www.schwartzman.com.br/php/index.php?option=com_content&view=articl e&id=54:transtornos=-globais-do-desenvolvimento&catid-2:transtornos-globais-do desenvolvimento&Itemid=26 Acesso em 04 de Outubro de 2013.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. GAIATO, Mayra Bonifácio. REVELES, Leandro Thadeu. Mundo Singular: Entenda o Autismo. Objetiva, 2012.